

Variação pronominal e escolaridade

Lucelene Teresinha FRANCESCHINI¹

Resumo: Neste artigo analisamos a influência da variável escolaridade no uso dos pronomes pessoais *nós/a gente* e *tu/você* no falar de Concórdia – SC. Este estudo está apoiado, especialmente, nos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista. A amostra foi constituída por 24 entrevistas, coletadas entre os anos de 2007 e 2010 e distribuídas por duas faixas etárias(26 a 45 anos, 50 anos ou mais); sexo (masculino, feminino); e três níveis de escolaridade (fundamental I, fundamental II, ensino médio). Para a análise estatística dos dados coletados foi utilizado o pacote de programas VARBRUL (PINTZUK, 1988). Os resultados da variável escolaridade apresentaram tendências opostas: na análise de *nós/a gente*, os falantes com nível mais elevado de escolaridade, o nível médio, favoreceram o pronome canônico *nós*, enquanto no nível fundamental I e II, o uso da forma inovadora *a gente* predominou; já na variação *tu/você*, o uso do pronome inovador *você* predominou entre os falantes mais escolarizados, enquanto os menos escolarizados fizeram maior uso do pronome canônico *tu*.

Palavras-chave: Sociolinguística; variação pronominal; escolaridade.

Abstract: In the present study, the influence of scholarity in the use of the personal pronouns *nós/a gente* and *tu/você* was analyzed in the speech of speakers from Concórdia - SC. The study was based on theoretical assumptions of Variationist Sociolinguistics. Data was gathered from 24 interviews that were conducted between 2007 and 2010. The sample was distributed among two age groups (26-45 years, 50 years or older); gender (male and female) and three levels of education (elementary I; elementary II and high school). Statistical analysis was performed with the software VARBRUL (PINTZUK, 1988). Results showed opposite trends regarding the use of pronouns and scholarity level. Those participants with higher educational levels (high school) preferred to use the canonical pronoun *nós*, while the innovative form *a gente* prevailed among elementary I and II. Meanwhile, the use of the innovative pronoun *você* prevailed among more educated speakers (high school), while less schooled (elementary I and II) made greater use of the canonical pronoun *tu*.

Keywords: Sociolinguistic; pronoun variation; scholarity.

Introdução

Neste artigo apresentamos uma análise variacionista da influência do fator escolaridade no uso dos pronomes pessoais *nós/a gente* e *tu/você* no falar de Concórdia – SC². Para tanto, foi analisado um *corpus* constituído de 24 entrevistas realizadas entre os anos de 2007 e 2010, distribuídas por duas faixas etárias(26 a 45 anos, 50 anos ou mais); sexo (masculino, feminino); e três níveis de escolaridade (fundamental

¹ Pós-doutoranda em Linguística da Universidade Estadual do Centro-Oeste. Bolsista PNPd/ CAPES. Guarapuava, PR. Correio eletrônico: lucelef@bol.com.br.

² Este artigo aborda um dos aspectos analisados na tese de doutorado "Variação pronominal *nós/a gente* e *tu/você* em Concórdia - SC" de Lucelene Teresinha Franceschini (2011).

I, fundamental II, ensino médio). Para a análise estatística desses dados foi utilizado o pacote de programas VARBRUL (PINTZUK, 1988).

O fator escolaridade já tem sido analisado em muitos estudos sobre fenômenos linguísticos variáveis no português do Brasil. Muitos desses estudos indicam que a escolaridade atua, geralmente, no favorecimento da variante padrão. No entanto, como destaca Votre (2004, p. 51), para uma análise criteriosa das correlações entre variação e mudança linguística, de um lado, e a variável escolaridade, de outro, torna-se necessário estabelecer algumas distinções, que seriam, dentre outras: entre forma de prestígio social e forma relativamente neutra, entre fenômeno socialmente estigmatizado e fenômeno imune à estigmatização e entre os fenômenos que são objetos de ensino escolar e aqueles que escapam à atenção normativa da escola.

Segundo Silva (1996), os casos em que a escola atua na preferência pela variante padrão, podem ser subdivididos em fenômenos que entram na programação escolar e em fenômenos que não são especificamente abordados na escola. Os primeiros, por exemplo, incluem a concordância nominal, a concordância verbal, o uso das preposições *a* e *para*. Nesses casos, seria, portanto, esperada a influência da escola na escolha das variantes. Já a variação pronominal aqui estudada faz parte dos fenômenos que não são especificamente abordados na escola. A autora destaca:

Não são diretamente ensinados, nem são sistematicamente corrigidos, no entanto, o uso do pronome *nós* concorrendo com a forma *a gente*, e o uso da forma *seu* concorrendo com a forma *dele*. Mesmo assim a escola interfere nesse segundo grupo tanto quanto no primeiro acima mencionado. Encontra-se a explicação da influência da escola nesses casos pelo fato de os pronomes *seu* e *nós* serem as formas utilizadas na escrita, que, por sua vez, é a modalidade em que a escola mais se fixa. (SILVA, 1996, p. 93)

Assim, mesmo sem prescrever o uso da forma *a gente*, a influência da escola acaba por ocorrer através de exercícios de fixação da conjugação verbal. Silva (1996, p.93) ressalta ainda: "Aliás, nem mesmo a forma *você* é aceita nos livros didáticos! O mesmo ocorrendo com a forma *nós*: nos exercícios de conjugação verbal nunca se usa a forma *a gente*." No entanto, embora as variantes *você* e *a gente* não sejam ensinadas, elas não chegam a ser estigmatizadas pela escola, não sendo objeto de correção.

Considerando as pesquisas que trataram da variação pronominal *nós/a gente*, observamos diferenças significativas na análise da influência da escolaridade. Omena (1998), nos dados de falantes cariocas do final dos anos setenta, verificou que o nível fundamental II influenciava o comportamento do falante no sentido de levá-lo a usar mais a forma *nós*. Segundo a autora, o fato de o programa escolar iniciar o estudo da conjugação verbal no fim do nível fundamental I e enfatizar, justamente no fundamental II, poderia estar correlacionado a este fenômeno. Porém, resultado bastante diverso foi obtido por Tamanine (2002) nos dados de Lages, Blumenau e Chapecó, pois o nível fundamental II apareceu, numa visão geral de sua amostra, como a escolaridade que mais favoreceu o uso de *a gente*.

Em relação à variação *tu/você*, os resultados da análise de Loregian-Penkall (2004) na região Sul, apontaram diversas tendências. Na rodada das capitais e no Ribeirão da Ilha, a autora verificou uma nítida progressão no uso de *tu*, proporcional ao aumento dos anos de contato com a escola; no interior do Rio Grande do Sul, os informantes do nível fundamental I lideraram no uso de *tu*; e, nas cidades do interior de Santa Catarina, foram os informantes do nível fundamental II que apresentaram um leve favorecimento do *tu*.

Como podemos bem observar, os resultados para o uso dos pronomes, tanto *nós/a gente* como *tu/você* apontam diversas tendências, dependendo da localidade em estudo. Faz-se necessário, portanto, uma análise da influência da escolaridade no uso dos pronomes *tu/você* e *nós/a gente* nos dados de Concórdia para que se possa, posteriormente, comparar esses resultados aos obtidos em outras localidades, principalmente da região Sul do Brasil, a fim de compreender melhor os fatores que determinam esses usos.

A variável escolaridade e o uso de *nós/a gente*

Na análise dos dados de Concórdia (FRANCESCHINI, 2011), verificamos uma distribuição equilibrada no uso dos pronomes *nós* e *a gente* na posição de sujeito, pois, de um total de 1.553 ocorrências, obtivemos 783 casos de *a gente* e 770 de *nós*, o que corresponde a um percentual de aproximadamente 50% para cada um dos pronomes.

Na rodada geral dos dados, com todos os grupos de fatores,

o programa estatístico selecionou, por ordem de significância, as seguintes variáveis: determinação do referente, tempo verbal, tipo de discurso, tipo de verbo e tipo de texto. As variáveis sociais faixa etária e escolaridade foram selecionadas em 6ª e 7ª posição, respectivamente.

Quanto à *concordância verbal*, já na primeira rodada do VARBRUL, essa variável foi retirada da análise devido aos *nocautes*, pois se verificou que em todas as ocorrências com o pronome *a gente* a forma verbal apresentou-se como não marcada (*a gente* - \emptyset). Quanto ao pronome *nós*, os casos de *nãoconcordância verbal* figuraram nas ocorrências de *infinitivo* (11 ocorrências com *nós*), cuja concordância é, de fato, extremamente rara na língua falada; e no *pretérito imperfeito* (81% de *não concordância*), confirmando a tendência geral do português de acentuar a penúltima sílaba, evitando assim as proparoxítonas. De acordo com Zillese Batista (2006, p.107): "Palavras com o acento na antepenúltima sílaba são marcadas, pois diferem da prosódia esperada do português, ou seja, são diferentes das paroxítonas".

Considerando a escolaridade, na análise da variação *nós/a gente* obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 1 – Resultados de *nós /a gente* na posição de sujeito: *escolaridade*

Grupo de fatores	<i>Nós</i>			<i>A gente</i>		
	Aplic./N	%	P.R.	Aplic./N	%	P.R.
Escolaridade						
- fundamental I	212/460	46	.46	248/460	54	.54
- fundamental II	216/463	47	.47	247/463	53	.53
- ensino médio	342/630	54	.55	288/630	46	.45
Total	770/1.553	50		783/1.553	50	

Pode-se observar na tabela o predomínio, embora não muito significativo, do uso do pronome *a gente* pelos falantes com menor nível de escolaridade: nível fundamental I (.54) e fundamental II (.53); já os falantes com ensino médio desfavoreceram o uso desse pronome (.45), apresentando uma maior probabilidade de aplicação de *nós* (.55). Portanto, temos, de um lado, os falantes com nível fundamental I e II favorecendo *a gente* e, de outro, os falantes com nível médio favorecendo *nós*. Esses resultados mostram um maior uso do pronome canônico e

mais formal *nós* pelos falantes mais escolarizados.

Destaca-se, porém, que a influência da escolaridade no uso dos pronomes *nós/a gente* não se mostrou muito relevante em nossos dados, pois os pesos atribuídos aos pronomes estão próximos do ponto neutro, indicando que não há muita diferença no uso de *nós* e *a gente* nos diferentes níveis de escolaridade.

Verificamos, então, que os níveis de escolaridade fundamental I e II apresentam praticamente o mesmo uso dos pronomes *nós/a gente*, com um leve predomínio deste último (.54 e .53, respectivamente); já no nível médio é o pronome canônico *nós* que predomina (.55).

Como já destacado, a análise dessa variável, *escolaridade*, tem apresentado diferentes resultados nos trabalhos realizados sobre a variação *nós/a gente*. Omena (1998), no *corpus* Censo do Rio de Janeiro, observou uma influência do nível fundamental II no comportamento dos falantes, pois esse nível favoreceu o uso do pronome *nós* tanto nos dados das crianças, quanto nos dos adultos. Já no fundamental I, as crianças desfavoreceram o uso de *nós*, enquanto os adultos favoreceram esse pronome, apresentando um uso aproximado de *nós* no nível fundamental I e no ensino médio.

Por outro lado, a análise do uso de *nós/a gente* realizada por Seara (2000), sobre o falar de Florianópolis, e por Tamanine (2010), sobre o falar de Curitiba, apresentam resultados bastante distintos.

Os estudos de Seara (2000) e Tamanine (2010) apontaram uma mesma tendência no uso de *nós/a gente* em Florianópolis e em Curitiba, cidades em que o nível de escolaridade mais elevado favoreceu o uso da variante *a gente*. Seara verificou que no ensino médio o pronome *a gente* apresentou um peso relativo superior ao do nível fundamental I, contrariando, assim, sua hipótese de que o aumento da escolaridade favoreceria o uso do *nós*. Resultado semelhante foi encontrado por Tamanine (2010) na análise dos dados de Curitiba, pois o ensino médio apresentou o maior peso relativo a favor do pronome inovador *a gente*, e o fundamental I foi o que mais favoreceu o uso de *nós*. Nota-se que os resultados da variável *escolaridade* no uso de *nós/a gente* em Florianópolis e Curitiba são bem diferentes dos nossos, pois em Concórdia foram os falantes com nível médio que favoreceram o uso do pronome canônico *nós*.

Já a análise da escolaridade no uso de *nós/a gente*, realizada

por Tamanine (2002), em localidades do interior de Santa Catarina, apresenta resultados parcialmente semelhantes aos obtidos em Concórdia. No nível fundamental II, assim como em nossos dados, Tamanine (2002) verificou uma maior probabilidade de aplicação do uso de *a gente*; e no nível fundamental I e ensino médio a autora obteve um uso de *nós/a gente* próximo do ponto neutro.

Percebe-se, a partir desses trabalhos, que a escolaridade apresenta resultados bastante heterogêneos no uso dos pronomes *nós/a gente*, não permitindo que se proponha uma determinada tendência em relação a essa variável. No geral, pode-se dizer que temos, de um lado, resultados que mostram o aumento da escolaridade favorecendo o uso do pronome inovador *a gente*, e, de outro, resultados que indicam um favorecimento do pronome canônico e mais formal *nós* pelos falantes com maior escolaridade, sendo este último resultado o que verificamos nos dados de Concórdia. Porém, cabe salientar que não somente a escola, mas vários outros aspectos relacionados à vida dos falantes podem interferir no uso dos pronomes, pois o ambiente de trabalho, a família, os amigos e os demais espaços sociais de interação, fatores dificilmente mensuráveis, geralmente têm reflexos na fala dos indivíduos de uma determinada comunidade.

A variável escolaridade e o uso de *tu/você*

Considerando todas as ocorrências dos pronomes *tu* e *você* na posição de sujeito nos dados de Concórdia (FRANCESCHINI, 2011), obtivemos, de um total de 926 ocorrências, 512 (55%) ocorrências de *tu* e 414 de *você* (45%). Esse resultado parece indicar que o uso do pronome conservador *tu* ainda predomina entre os falantes dessa cidade.

Na análise da variação *tu/você*, foram consideradas as mesmas variáveis independentes utilizadas na análise da variação *nós/a gente*, ou seja: determinação do referente, tipo de discurso, tipo de texto, tipo de verbo, tempo verbal, tipo de ocorrência, faixa etária, sexo e escolaridade. Os grupos de fatores selecionados nesta rodada, por ordem de significância, foram: determinação do referente, escolaridade, sexo, tipo de ocorrência, tipo de verbo e faixa etária. Quanto à variável *concordância* verbal, essa não foi considerada na análise dos pronomes

tu/você, pois estes não apresentaram variação nas desinências verbais, ambos apresentaram a mesma flexão de 2ª pessoa, não marcada, em todas as ocorrências.

Pode-se verificar que as variáveis sociais ocupam posições de destaque na alternância *tu/você*, principalmente a escolaridade e o sexo, em 2ª e 3ª posição, respectivamente. Essa seleção indica que os fatores sociais são mais significativos na variação *tu/você*, pois na análise dos pronomes *nós/a gente*, como já destacado, as variáveis sociais faixa etária e escolaridade ocuparam as últimas posições, e a variável sexo não foi selecionada pelo programa estatístico.

Considerando a variável escolaridade, os resultados obtidos foram os apresentados na tabela 2:

Tabela 2- Resultados do uso de *tu/você* na posição de sujeito: *escolaridade*

Grupo de fatores	TU			VOCÊ		
	Apl./N	%	P.R.	Apl./N	%	P.R.
Escolaridade						
- fundamental I	101/171	59	.57	70/171	41	.43
- fundamental II	142/186	76	.68	44/186	24	.32
- ensino médio	269/569	47	.42	300/569	53	.58
TOTAL	512/926	55		414/926	45	

Pode-se observar na tabela um favorecimento no uso do pronome *tu* pelos falantes com nível fundamental II (.68), seguido dos falantes com fundamental I (.57). Os falantes com ensino médio desfavorecem o uso desse pronome (.42), apresentando uma maior probabilidade de aplicação do pronome *você* (.58). Considerando os dois extremos da escolarização, nota-se que o uso de *tu* entre os menos escolarizados (.57) é praticamente o mesmo que o uso de *você* entre os falantes mais escolarizados (.58). Apesar de não termos uma escala gradual decrescente nos pesos atribuídos segundo a escolaridade dos falantes, o que podemos inferir é que o *tu*, pronome conservador, predomina no nível fundamental I e II, enquanto o *você*, pronome inovador, predomina na fala dos informantes com maior nível de escolaridade, o ensino médio. Esse resultado parece indicar um determinado "prestígio" associado ao uso do pronome *você*, ou seja, parece indicar que o *você* é mais valorizado socialmente, pois é o pronome mais utilizado pelos falantes

com nível mais elevado de escolarização.

No entanto, assim como na análise da variação *nós/a gente*, a escolarização também tem se mostrado como uma das variáveis mais problemáticas no estudo da variação pronominal *tu/você*, apresentando resultados bastante heterogêneos. Os resultados de Loregian-Penkal (2004) mostram claramente essa heterogeneidade. No Rio Grande do Sul, a autora verificou um predomínio de *tu* no ensino médio em Porto Alegre, no ensino médio e no fundamental II, em São Borja, e no fundamental I em Panambi. Em Santa Catarina, o *tu* foi mais usado no ensino médio e no fundamental II em Florianópolis, no ensino médio, em Lages, e no fundamental II e fundamental I em Chapecó. Segundo Loregian-Penkal (2004), além de resultados nada homogêneos em relação à escolaridade, seus dados mostram também que em algumas localidades a educação formal parece não exercer influência na fala dos entrevistados, uma vez que se ensina na escola que o único pronome de segunda pessoa do singular é o *tu*.

Observando esses diferentes resultados nos dados analisados por Loregian-Penkal (2004), verifica-se que Chapecó é a cidade que apresenta resultados mais próximos aos de Concórdia, pois, nessas duas cidades, os falantes com nível de escolaridade fundamental II, seguido do fundamental I, favorecem o uso do pronome *tu*, e os falantes com ensino médio apresentam uma maior probabilidade de uso do pronome *você*. Destaca-se que Concórdia e Chapecó localizam-se no oeste de Santa Catarina, próximas uma da outra, e apresentam características bastante semelhantes em relação a sua formação e constituição populacional, pois ambas foram colonizadas, principalmente, por descendentes de imigrantes italianos, provenientes, na sua grande maioria, do Rio Grande do Sul. Como nessas duas cidades o pronome inovador *você* é usado pelos falantes mais escolarizados (ensino médio), pode-se supor que esse pronome seja, nessas localidades, se não uma marca de prestígio, ao menos uma maneira de se evitar o pronome *tu*. O uso desse pronome, tal como ocorre em Concórdia, é considerado "errado" pela escola, pois os falantes dessa localidade usam categoricamente o pronome *tu* com a forma verbal não marcada, conforme observamos nos exemplos (1) e (2):

- (1)...aí ele disse: "Qual é o salão que *tu foidança* essa noite?"
(FG2)³
- (2) *Mastu passaaí* no Kobacafé quando *tu for* pra casa. (FS1)

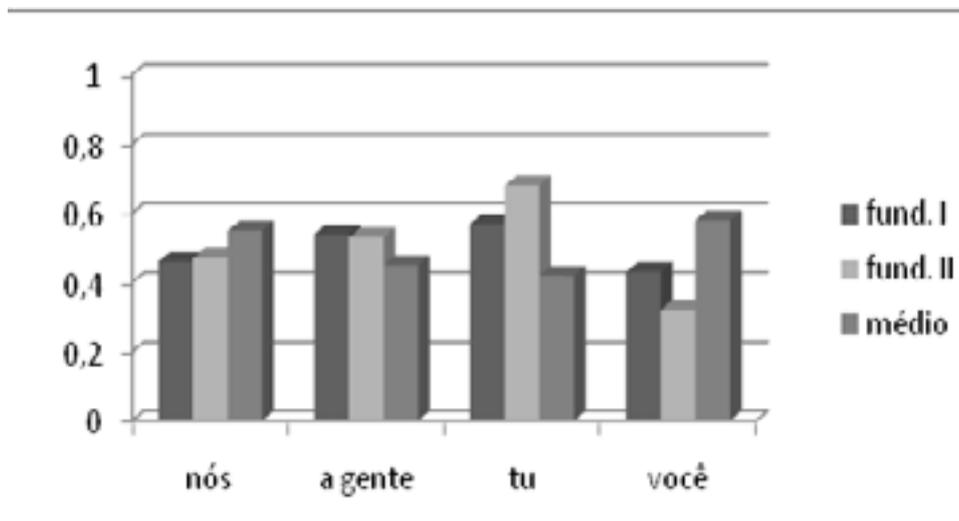
Destaca-se que nessa região (oeste de Santa Catarina), até recentemente, o ensino médio era considerado um nível relativamente elevado de escolaridade, pois a distância de centros maiores, com universidades públicas, dificultava muito o acesso da população ao ensino superior. Assim, a maioria dos habitantes de Concórdia, que não tinha condições de ir para centros maiores, ou pagar para estudar na única faculdade particular instalada na cidade, não tinha acesso ao ensino universitário. Pode-se dizer, então, que o ensino médio era considerado, até recentemente, um nível de escolarização razoavelmente elevado para grande parte dessa população.

A influência da escolaridade no uso de *nós/a gente* e *tu/você*

Comparando a influência da escolaridade no uso dos pronomes *nós/a gente* e *tu/você*, verificamos que os resultados apresentaram tendências opostas: no primeiro caso, os falantes com nível mais elevado de escolaridade, o nível médio, favoreceram o pronome canônico *nós*, enquanto no nível fundamental I e II o uso do pronome inovador *a gente* predomina; já na variação *tu/você*, é o pronome inovador *você* que predomina entre os falantes mais escolarizados, enquanto os menos escolarizados, com nível fundamental I e II, fazem maior uso do pronome *tu*. O gráfico 1 ilustra os resultados do uso de *nós/a gente* e *tu/você* para a variável escolaridade:

³ As siglas nos exemplos correspondem à descrição dos informantes: sexo (M – Masculino e F – Feminino); escolaridade (P – Fundamental I, G – Fundamental II, S – Ensino Médio); faixa etária: (1 – 26 a 45 anos e 2 – 50 anos ou mais).

Gráfico 1 – Probabilidade de uso de nós/a gente e tu/você conforme a escolaridade



Pode-se observar que os falantes com nível fundamental I e II fazem maior uso do pronome inovador *a gente*, embora esse uso encontra-se próximo do ponto-neutro (.54 e .53, respectivamente), e do pronome canônico *tu* (.57 e .68, respectivamente); já na fala dos informantes com ensino médio predomina o uso do pronome canônico *nós* (.55) e do pronome inovador *você* (.58). Os falantes com nível fundamental I e II de escolarização apresentam, portanto, as mesmas tendências, diferente daquela apresentada pelos falantes com nível médio. Esses resultados parecem indicar que o pronome conservador *nós*, de um lado, e o pronome inovador *você*, de outro, apresentam uma valoração social mais positiva, pois são os pronomes favorecidos pelos falantes mais escolarizados.

Contudo, considerando que são os pronomes *tu* e *nós* que fazem parte do ensino escolar (mesmo que indiretamente, através, por exemplo, do estudo da conjugação verbal), podemos observar a influência da escolarização em nossos dados, principalmente na análise da variação *nós/a gente*, pois, nesse caso, o pronome canônico *nós* é mais utilizado pelos falantes com maior nível de escolaridade. Cabe lembrar, porém, que o pronome *a gente*, embora não seja objeto de ensino, também não é uma forma estigmatizada socialmente.

Já na análise da variação *tu/você*, os falantes mais escolarizados não favorecem o uso do pronome canônico *tu*, mas da forma inovadora *você*, forma que não é propriamente ensinada na escola. Porém,

se considerarmos que o ensino da conjugação verbal se realiza principalmente no nível fundamental, pode-se observar uma influência da escolarização no comportamento dos falantes, pois nossos informantes do nível fundamental I e, principalmente, II, fazem um maior uso do pronome canônico *tu* (.57 e .68, respectivamente).

Por outro lado, considerando que é o pronome *tu*, porém com a marcação verbal, o objeto de ensino escolar, pode-se supor que os falantes, que em Concórdia usam o *tu* categoricamente sem essa marca, passem a avaliar negativamente esse uso, e, nesse caso, optem pelo emprego do *você*, forma amplamente utilizada nos meios de comunicação e bem aceita socialmente. Essa pode ser uma possível explicação para a maior probabilidade de uso do pronome *você* pelos falantes com ensino médio, os mais escolarizados de nossa amostra.

Considerações finais

Os resultados da variável escolaridade, seja em nossos dados ou nos outros trabalhos citados, mostram-se bastante heterogêneos, pois, dependendo da localidade e dos pronomes em análise, podemos observar diferentes tendências de uso.

Na análise da variável escolaridade no uso dos pronomes em Concórdia, verificamos que os falantes com nível fundamental I e II fazem maior uso do pronome inovador *a gente* e do pronome canônico *tu*, enquanto os falantes com maior escolaridade, o nível médio, favorecem o uso do pronome canônico *nós* e do pronome inovador *você*.

Considerando a variação *nós/a gente*, podemos observar a influência da escolaridade no comportamento dos falantes do ensino médio, pois estes apresentam uma maior probabilidade de uso do pronome *nós*, que faz parte do conteúdo escolar. Já no caso da variação *tu/você*, os falantes com nível fundamental são os que mais usam o pronome canônico *tu*. No entanto, como o objeto de ensino é o pronome *tu* com a marcação verbal, que não é utilizada na localidade, esse ensino pode ter contribuído para que os falantes mais escolarizados de nossa amostra evitassem o uso desse pronome, evitando, assim, o chamado "erro de concordância". Desse modo, os falantes passariam a favorecer o uso de *você*, forma amplamente veiculada na mídia, que

apresenta, portanto, uma valoração social mais positiva.

A partir desses resultados sobre o uso dos pronomes, e especialmente dos pronomes *tu/você*, pode-se dizer que, além da escolaridade, também outros fatores, como a atitude linguística dos falantes e a influência da mídia, provavelmente estejam interferindo na escolha linguística dos falantes de nossa amostra.

Referências

FRANCESCHINI, L. T. **Variação pronominal nós/a gente e tu/você em Concórdia – SC**. 2011. 253 f. Tese (Doutorado em Letras) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

LOREGIAN-PENKAL, L. **(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região sul**. 2004. 261 f. Tese (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

OMENA, N. P. As influências sociais na variação entre nós e a gente na função de sujeito. In: SILVA, G. M. de O.; SCHERRE, M. M. P. (Org.) **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998. p. 310-323.

SEARA, I. C. A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana. **Organon: Estudos da língua falada**, Porto Alegre: UFRGS, v. 14, n. 28/29, p.179-194, 2000.

SILVA, G. M. O. Escolarização. In: CARDOSO, S. A. M. (Org.). **Diversidade linguística e ensino**. Salvador: EDUFBA, 1996. p. 91-97.

TAMANINE, A. **A alternância nós/a gente no interior de Santa Catarina**. 2002. 132 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

_____. **Curitiba da gente: um estudo sobre a variação pronominal nós/a gente e a gramaticalização de a gente na cidade de Curitiba**. 2010. 222 f. Tese (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.) **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 51-57.

ZILLES, A. M.; BATISTA, H. A concordância de primeira pessoa do plural na fala culta de Porto Alegre. In: Paulino Vandresen. (Org.). **Variação, Mudança e Contato Linguístico no Português da Região Sul**. Pelotas: EDUCAT - Editora da Universidade Católica de Pelotas, v. 1, 2006. p. 99-124.

Recebido em 19 de jun. de 2014.

Aceito em 11 de set. de 2014.